

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**PALOAN REIS REIS**

**A AGRICULTURA FAMILIAR COMO PRINCIPAL MEIO DA RENDA  
RIBEIRINHA, ANALISANDO O REPARTIMENTO DO LIMÃO, NO MUNICÍPIO  
DE BARREIRINHA**

**Parintins/AM**

**2025**

**PALOAN REIS REIS**

**A AGRICULTURA FAMILIAR COMO PRINCIPAL MEIO DA RENDA  
RIBEIRINHA, ANALISANDO O REPARTIMENTO DO LIMÃO, NO MUNICÍPIO  
DE BARREIRINHA**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em em Geografia, pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP).

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr REGINALDO LUIZ FERNANDO DE SOUZA

**Parintins/AM**

**2025**

**A AGRICULTURA FAMILIAR COMO PRINCIPAL MEIO DA RENDA  
RIBEIRINHA, ANALISANDO O REPARTIMENTO DO LIMÃO, NO MUNICÍPIO  
DE BARREIRINHA**

PALOAN REIS REIS <sup>1</sup>

REGINALDO LUIZ FERNANDO DE SOUZA<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este trabalho analisa a agricultura familiar como principal fonte de renda e sustento das famílias ribeirinhas do Repartimento do Limão em Barreirinha, situada na região do Paraná do Limão, no estado do Amazonas. A pesquisa busca compreender de que modo as práticas agrícolas desenvolvidas na região são influenciadas pelos ciclos de enchente e vazante dos rios, elementos naturais que estruturam a dinâmica produtiva da várzea amazônica. Para isso, foram utilizados dados bibliográficos, documentos institucionais do IBGE e IDAM, além da aplicação de formulários e entrevistas com agricultores locais. Os resultados evidenciam que a agricultura familiar desempenha papel fundamental na manutenção econômica, social e cultural da comunidade, representando não apenas uma forma de produção de alimentos, mas também um modo de vida marcado pela transmissão de saberes tradicionais entre gerações. Observou-se ainda a significativa participação feminina na organização e no beneficiamento da produção, especialmente no processamento da mandioca, atividade central para a renda familiar. A análise demonstra, contudo, desafios enfrentados pelas famílias, como a desvalorização da produção, a imprevisibilidade climática e o desinteresse das novas gerações em permanecer no campo. Assim, a agricultura familiar na região continua sendo essencial para a sustentabilidade local, embora dependa de políticas públicas, valorização econômica e iniciativas de fortalecimento comunitário para garantir sua continuidade e preservação.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar; Comunidades ribeirinhas; Várzea amazônica; Saberes tradicionais; Renda rural.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 8º período de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas-CESP/UEA.

<sup>2</sup> Docente do curso de Geografia no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

## ABSTRACT

This study analyzes family farming as the main source of income and livelihood for riverside families in the Repartimento do Limão area of Barreirinha, located in the Paraná do Limão region, Amazonas state. The research seeks to understand how agricultural practices developed in the region are influenced by the flood and ebb cycles of the rivers, natural elements that structure the productive dynamics of the Amazonian floodplain. To this end, bibliographic data, institutional documents from IBGE and IDAM, as well as questionnaires and interviews with local farmers were used. The results show that family farming plays a fundamental role in the economic, social, and cultural maintenance of the community, representing not only a form of food production but also a way of life marked by the transmission of traditional knowledge between generations. The significant participation of women in the organization and processing of production was also observed, especially in the processing of cassava, a central activity for family income. The analysis, however, demonstrates challenges faced by families, such as the devaluation of their produce, unpredictable weather, and the disinterest of younger generations in remaining in rural areas. Thus, family farming in the region continues to be essential for local sustainability, although it depends on public policies, economic valuation, and community-building initiatives to guarantee its continuity and preservation.

**Keywords:** Family farming; Riverine communities; Amazonian floodplain; Traditional knowledge; Rural income.

## 1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar constitui um dos pilares fundamentais para a organização econômica e sociocultural das comunidades ribeirinhas da Amazônia, especialmente naquelas localizadas em áreas de várzea. No município de Barreirinha, no estado do Amazonas, destaca-se o Repartimento do Limão como um espaço em que a atividade agrícola de base familiar não apenas assegura a subsistência, mas estrutura as dinâmicas de trabalho, cooperação e sobrevivência em meio às particularidades ambientais impostas pelo regime hidrológico dos rios. Esse território, marcado pelo fenômeno periódico das cheias e vazantes, apresenta condições ecológicas próprias que moldam o modo de vida das famílias e influenciam diretamente a forma como o trabalho agrícola é organizado, realizado e transmitido entre gerações.

Ao observar a realidade dessa comunidade, emerge a necessidade de compreender como a agricultura familiar, enquanto atividade econômica estruturante, forma o eixo de sustentação material das famílias ribeirinhas. Entender essa dinâmica implica considerar a complexidade do ambiente natural, o saber tradicional acumulado, as estratégias de organização do trabalho e as relações sociais estabelecidas dentro e fora da comunidade. A partir dessa compreensão nasce o problema central da pesquisa, que se orienta para a seguinte questão: de que maneira a agricultura familiar constitui o principal meio de renda no Repartimento do Limão em Barreirinha, e como essa atividade se articula às particularidades ambientais, sociais e econômicas do território ribeirinho?

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura familiar como principal meio de renda ribeirinha no Repartimento do Limão no município de Barreirinha, considerando as particularidades ambientais das áreas de várzea e as práticas agrícolas que sustentam o modo de vida local. Para alcançar esse propósito, busca-se compreender o funcionamento do sistema agrícola ribeirinho em áreas de várzea; examinar a organização familiar do trabalho e sua relação com o ciclo das águas; identificar os principais cultivos, técnicas e estratégias produtivas desenvolvidas na comunidade; e analisar como a renda proveniente dessas atividades contribui para a reprodução social, cultural e econômica das famílias.

A justificativa deste estudo está ancorada na necessidade de valorizar o conhecimento tradicional e a realidade socioeconômica das comunidades ribeirinhas, que desempenham papel fundamental na manutenção da diversidade produtiva da Amazônia. Investigar a agricultura familiar no Repartimento do Limão em Barreirinha permite ampliar a compreensão sobre a importância dessas práticas para a segurança alimentar, para a economia local e para a

resistência cultural das famílias que vivem às margens dos rios. Além disso, ao revelar os desafios enfrentados por esses agricultores, como a dificuldade de acesso a políticas públicas, às linhas de crédito, à assistência técnica e ao escoamento da produção, a pesquisa contribui para a formulação de estratégias e políticas mais adequadas às realidades amazônicas.

Para atingir os objetivos propostos, esta pesquisa utiliza uma metodologia de caráter qualitativo, fundamentada em abordagem descritiva e analítica. A investigação se apoia em levantamentos documentais, análise de campo, observação direta da realidade ribeirinha, registros fotográficos, conversas informais com moradores e consulta a dados já sistematizados sobre agricultura familiar e áreas de várzea no Amazonas. Esse conjunto de procedimentos possibilita compreender o ambiente físico-social, identificar as técnicas tradicionais empregadas pelas famílias e mapear as formas de organização da produção agrícola.

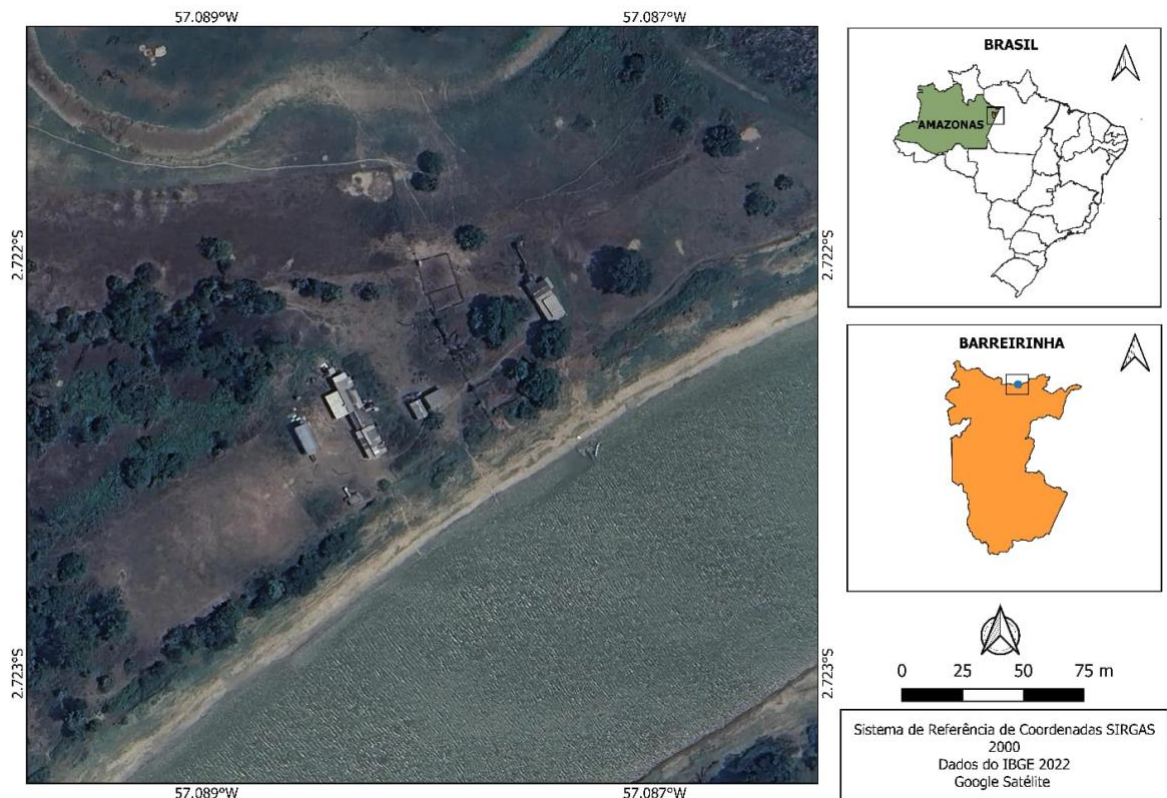
Com base nessa metodologia, a pesquisa se coloca como instrumento de reconhecimento e valorização da agricultura familiar em Barreirinha, especialmente nas comunidades de várzea, cujo modo de vida permanece ameaçado por fatores ambientais, econômicos e políticos. O estudo reafirma, portanto, a importância dessas famílias para a manutenção da biodiversidade, para o abastecimento alimentar regional e para a preservação dos conhecimentos tradicionais que atravessam gerações.

## 2. Caracterização da área de estudo

A área de estudo desta pesquisa está inserida no Paraná do Limão Grande, denominação utilizada localmente para designar o conjunto de comunidades ribeirinhas situadas ao longo desse trecho do rio, no município de Barreirinha, estado do Amazonas. O Paraná do Limão Grande é composto por quatro comunidades principais: Nossa senhora de Nazaré, do Limão de Baixo, São José do Limão do Meio, Nossa Senhora das Graças do Limão de Cima e Repartimento do Limão logo após. Embora compartilhem características ambientais, culturais e produtivas semelhantes, cada comunidade apresenta especificidades em sua organização social, dinâmica produtiva e relação com o território.

Esta pesquisa concentrou-se exclusivamente na comunidade do Repartimento do Limão, local onde foram realizadas as coletas de dados, aplicados os formulários e conduzidas as entrevistas com os moradores. A escolha dessa comunidade como recorte espacial justifica-se por sua forte dependência da agricultura familiar como principal meio de subsistência e geração de renda, além de apresentar características típicas das áreas de várzea amazônica, com intensa relação com os ciclos de enchente e vazante.

Figura 01: Localização da área de estudo no Paraná do Limão Grande, Repartimento.



Fonte: IBGE (2022); Google Satélite. Elaboração do autor.

O mapa apresentado ilustra a localização da área de estudo em diferentes escalas. Inicialmente, observa-se a inserção do estado do Amazonas no território brasileiro, seguida da localização do município de Barreirinha. Em seguida, a imagem de satélite destaca a comunidade do Repartimento do Limão, evidenciando sua disposição espacial às margens do rio, característica marcante das comunidades ribeirinhas amazônicas. A proximidade das moradias com o curso d'água demonstra a dependência direta do rio para o transporte, para as atividades produtivas e para a organização do cotidiano local.

A imagem também permite identificar áreas de ocupação humana, caminhos de circulação e a relação entre as residências, os espaços de cultivo e o ambiente natural. Essa configuração espacial reforça a condição da comunidade como área de várzea, sujeita às variações do nível das águas, aspecto determinante para a prática da agricultura familiar desenvolvida no local. Assim, o mapa não apenas localiza a área pesquisada, mas contribui para a compreensão da dinâmica territorial e ambiental que condiciona o modo de vida ribeirinho no Repartimento do Limão.

Portanto, este estudo garante maior precisão na análise dos dados, respeitando as particularidades locais e permitindo uma compreensão aprofundada da agricultura familiar enquanto prática econômica e social inserida em um contexto territorial específico do Paraná do Limão Grande.

### **3 Agricultura E Economia**

A agricultura familiar ocupa um papel central na composição econômica das comunidades ribeirinhas amazônicas, configurando-se como o principal eixo organizador da renda, da produção e das relações socioculturais estabelecidas no território. Nas áreas de várzea, esse protagonismo se intensifica devido às condições ambientais específicas, que favorecem sistemas produtivos adaptados ao pulso das águas. A fertilidade natural do solo, renovada a cada ciclo de cheia, permite a instalação de cultivos diversificados, os quais sustentam tanto a subsistência quanto o abastecimento dos mercados locais e regionais. Nesse contexto, a agricultura deixa de ser apenas uma atividade produtiva e passa a representar uma estratégia de permanência no território, de afirmação cultural e de organização econômica coletiva.

No caso de Parintins, e especificamente no Repartimento do Limão Barreirinha, a dinâmica econômica está diretamente associada à agricultura familiar de várzea, onde o cultivo de mandioca, milho, banana, feijão, açaí, pupunha, melancia, cupuaçu e cacau assume papel fundamental na geração de renda. Embora vários desses cultivos sejam comuns em toda a região

amazônica, a forma como são manejados nas áreas ribeirinhas revela uma combinação singular entre conhecimentos tradicionais, manejo adaptado ao ciclo hidrológico e circulação econômica articulada a mercados próximos, como Barreirinha e Parintins. De acordo com o IBGE (2022, p. 17), mais de 70% dos estabelecimentos agropecuários do Amazonas são de base familiar, reforçando a centralidade dessas unidades produtivas para a economia regional, especialmente no que diz respeito ao abastecimento alimentar e à manutenção de redes comunitárias de produção.

A agricultura familiar, além de sustentar a segurança alimentar das comunidades, mantém a economia local ativa, pois a maior parte da renda gerada permanece no território. Nesse sentido, destaca-se a afirmação de Meneghett & Souza (2015):

“A riqueza gerada pela agricultura familiar permanece no local e mais gente usufrui desta renda gerada. Nos locais de predomínio da agricultura familiar há mais pessoas comprando e vendendo, quando comparados aqueles de predomínio da agricultura de grande porte, não familiar”.

Essa reflexão dialoga diretamente com a realidade do Repartimento do Limão, onde a economia se movimenta a partir da produção agrícola local e das trocas estabelecidas entre famílias, comerciantes, atravessadores e compradores nos mercados regionais.

De acordo com o IDAM (2020, p. 11), a agricultura familiar na várzea amazônica desempenha papel essencial na manutenção da economia dos municípios ribeirinhos, tanto pelo volume de alimentos produzidos quanto pela circulação de renda gerada no interior das comunidades. O órgão ressalta que sistemas tradicionais de cultivo, como as roças de mandioca e os plantios sazonais de melancia e hortaliças, são responsáveis pelo abastecimento de feiras, comércios e programas institucionais de compra de alimentos, como o PNAE e o PAA. Isso significa que os produtos cultivados pelas famílias não apenas garantem a sobrevivência local, mas também alimentam escolas, centros de convivência e outros serviços públicos dos municípios.

Nas comunidades ribeirinhas, as condições ambientais exercem influência decisiva sobre a economia agrícola. O regime de cheias e vazantes determina o calendário produtivo e define quais cultivos podem ser instalados em cada período do ano. Em anos de cheia extrema, por exemplo, a produção de melancia tende a ser reduzida, enquanto o cultivo de mandioca se mantém mais estável por ser adaptável a diferentes microambientes de várzea e terra firme. Como aponta o IBGE (2019, p. 29), a sazonalidade das águas não apenas molda o território,

mas organiza o tempo social e econômico das populações ribeirinhas, influenciando desde o plantio até o transporte e a comercialização dos produtos.

No caso do Repartimento do Limão, a economia local encontra na produção de melancia sua principal fonte de renda. A Figura 02, ilustra claramente essa importância ao mostrar uma grande quantidade de melancias colhidas e organizadas para transporte. A abundância do produto não apenas evidencia a fertilidade da várzea, mas também demonstra a força produtiva da comunidade. A melancia, por ser um cultivo altamente adaptado ao ciclo das águas e possuir boa aceitação em mercados regionais, torna-se um dos produtos mais valorizados pelos agricultores locais. Sua venda ocorre predominantemente nos municípios de Barreirinha e Parintins, estabelecendo circuitos econômicos curtos e eficientes, que garantem retorno financeiro rápido às famílias produtoras.

Figura 02: Melancias colhidas para transporte.



Foto: Paloan Reis, (2025).

Além da venda direta, muitas famílias complementam sua renda com atividades extrativistas, como coleta de castanha, produção de farinha, açaí e extração de borracha, compondo uma economia diversificada e resiliente. Segundo o IBGE (2020, p. 34), essa diversificação é uma das principais características das economias familiares amazônicas, permitindo que os agricultores enfrentem tanto as limitações ambientais quanto as oscilações do mercado. No Repartimento do Limão, essa lógica se confirma, pois muitas famílias alternam entre plantios, pesca e extrativismo ao longo do ano, garantindo renda contínua mesmo em períodos de entressafra.

A comercialização dos produtos agrícolas é um componente essencial para a dinâmica econômica das comunidades ribeirinhas. Segundo o IDAM (2021, p. 19), a circulação de produtos da agricultura familiar por meio de feiras, associações e venda direta aos municípios

vizinhos é responsável por movimentar significativamente o comércio local, fortalecendo tanto agricultores quanto pequenos comerciantes. No Repartimento, a proximidade com Barreirinha e Parintins facilita esse fluxo, permitindo que as famílias ampliem seus canais de venda e aumentem a renda ao aproveitar períodos de maior demanda, como festividades, safra de melancia ou eventos municipais.

A economia ribeirinha também se sustenta por meio de redes de solidariedade e reciprocidade, elementos fundamentais para a sobrevivência em ambientes onde o Estado tem presença limitada. A troca de produtos, a ajuda mútua na colheita e o compartilhamento de ferramentas e sementes reforçam a coesão social e possibilitam que os agricultores superem dificuldades relacionadas ao solo, transporte ou intempéries climáticas. Conforme destaca Woortmann (1995, p. 63), a agricultura familiar se fundamenta na “ética da reciprocidade”, que combina produção material com laços de solidariedade, estruturando um sistema produtivo que vai além das relações estritamente econômicas.

No contexto amazônico, a circulação de barcos, voadeiras e embarcações de pequeno porte constitui o principal meio de transporte de mercadorias. Esse aspecto influencia diretamente o tempo de deslocamento, os custos e a viabilidade da comercialização. O IBGE (2017, p. 12) aponta que as dificuldades logísticas representam um dos principais entraves para o desenvolvimento econômico ribeirinho, especialmente no escoamento da produção agrícola. No Repartimento do Limão, esse desafio é enfrentado com estratégias locais, como a venda antecipada, parcerias com compradores regionais e acordos comunitários de transporte compartilhado.

A agricultura familiar, portanto, não apenas sustenta a economia local, mas organiza a vida social, cultural e ambiental da comunidade ribeirinha. A produção diversificada, o manejo tradicional da várzea e a comercialização em circuitos curtos revelam a importância dessa atividade como principal meio de renda do Repartimento do Limão Barreirinha. A economia local se fortalece pela permanência da renda na própria comunidade, conforme expressa Meneghetti; Souza (2015), e pela articulação entre agricultura, extrativismo e comércio regional.

### **3.2 O Papel De Cada Membro Da Família No Cultivo**

A organização do trabalho dentro das unidades familiares agrícolas amazônicas segue uma lógica própria, estruturada a partir de relações de parentesco, cooperação e divisão de responsabilidades, que se articulam com as necessidades produtivas e as condições ambientais do território ribeirinho. No Repartimento do Limão, localizado na região de várzea do Paraná, entre municípios Parintins e Barreirinha, essa divisão do trabalho se evidencia de forma clara,

pois cada membro desempenha um papel fundamental para a manutenção da produção e da renda familiar. A agricultura, nesse contexto, não se limita à função econômica, mas integra valores culturais, relações sociais, tradições produtivas e vínculos históricos com a terra.

Essa descrição corresponde ao observado na Figura 03, que mostra dois homens executando a limpeza de uma área para implantação de uma nova horta. A imagem evidencia o uso de ferramentas como facão, enxada e roçadeira, que compõem o conjunto básico do trabalho masculino. Esse tipo de atividade pode demandar semanas de preparação, dependendo do tamanho da área e do tipo de vegetação a ser removida.

A figura permite inferir que o trabalho inicia pela retirada da vegetação densa, seguida pela queima parcial ou pela limpeza manual (quando a área não permite o uso de fogo, comum em várzea). Em seguida, ocorre a delimitação dos canteiros e a preparação final do terreno. A intensidade do esforço físico e a necessidade de habilidades específicas reforçam o papel central dos homens nessas etapas do processo produtivo. Como relatado no documento da UNIR (2020, p. 25), “as tarefas mais pesadas nos estabelecimentos familiares continuam sendo atribuídas aos homens, sobretudo aquelas relacionadas à abertura de áreas e ao corte de madeira”.

Enquanto isso, o papel feminino possui amplitude significativa e complexa, envolvendo desde a participação no plantio até o processamento dos alimentos e o controle da pós-produção. O IBGE (2022, p. 34) afirma que as mulheres assumem funções essenciais na agricultura familiar, tais como “o preparo dos alimentos, a colheita de determinados cultivos, o processamento de produtos derivados da mandioca e a organização da economia doméstica”. No Repartimento, essa participação é nítida, especialmente em atividades como produção de farinha, tapioca, beiju, tucupi, entre outros produtos extrativistas e agroindustriais caseiros. A Figura 04, registra uma matriarca preparando a refeição durante a jornada de trabalho, enquanto os homens realizam a limpeza do campo.

Figura 03: Limpeza de terreno para plantio.



Foto: Paloan Reis, (2025).

Figura 04: A matriarca preparando a refeição.



Foto: Paloan Reis, (2025).

Essa imagem revela mais do que um momento cotidiano: evidencia a divisão de gênero no trabalho e a importância do papel feminino tanto no cultivo quanto na manutenção da vida comunitária. A mulher garante a alimentação de todos, possibilitando que as atividades no campo prossigam. Mas sua atuação não se restringe à cozinha. As mulheres também plantam, capinam áreas mais leves, colhem hortaliças, lavam frutos, cuidam da seca de farinha e participam da comercialização. O IDAM (2020, p. 22) reforça que a figura feminina “é indispensável na condução das etapas produtivas e no processamento da mandioca, sendo responsável por grande parte do valor agregado ao produto final”.

Os filhos desempenham igualmente um papel importante na organização do trabalho familiar. Na lógica da agricultura de várzea, a inserção das crianças e adolescentes se dá progressivamente, respeitando suas capacidades físicas e sua participação nas atividades escolares. O IBGE (2019, p. 45) ressalta que “a colaboração dos jovens nas unidades familiares é tradicionalmente orientada pelos pais, que ensinam técnicas agrícolas e valores relacionados ao trabalho e à terra”. No Repartimento, é comum que as tarefas infantis e juvenis envolvam atividades de apoio, como transporte de pequenas ferramentas, coleta de folhas, auxílio na capina leve, irrigação de canteiros e participação na colheita de produtos como melancia ou milho.

Essa divisão de trabalho, longe de representar exploração, corresponde à lógica cultural da transmissão de saberes tradicionais. Conforme afirma o estudo da UNIR (2020, p. 31), “o

conhecimento agrícola em comunidades amazônicas é transmitido pela prática, permitindo que crianças e jovens aprendam sobre o manejo da terra, a leitura do tempo e o ciclo das águas”. Essa aprendizagem faz com que os jovens compreendam desde cedo o funcionamento da economia familiar e a importância da agricultura como eixo central da renda.

O processo de limpeza e preparação de uma nova área, registrado na Figura 03, é especialmente desafiador em áreas de várzea. Primeiro porque envolve vegetação densa e resistente; segundo porque requer planejamento em relação ao ciclo das águas. O IDAM (2021, p. 11) explica que “o preparo do solo em áreas ribeirinhas é condicionado pela vazante, período em que o solo está exposto e pode ser manejado”. Isso exige agilidade das famílias, que dispõem de poucos meses para realizar todas as etapas produtivas antes do retorno da cheia. A demora na abertura da área ou a ocorrência de chuvas acima do esperado pode comprometer toda a produção.

Além das atividades no campo, cada membro da família possui também papéis na comercialização da produção. Os homens costumam transportar as melancias e demais produtos até os portos de Barreirinha ou Parintins, enquanto as mulheres organizam as vendas menores, negociam preços e preparam produtos derivados da mandioca. O IBGE (2020, p. 10) destaca que a agricultura familiar amazônica se caracteriza pela “integração entre produção, processamento e comercialização dentro do núcleo doméstico”, o que reforça a autonomia e a sustentabilidade econômica das famílias ribeirinhas.

Assim, o papel de cada membro da família no cultivo revela uma engrenagem social complexa, em que trabalho físico, conhecimento tradicional, cooperação e responsabilidades específicas se articulam para garantir a sobrevivência econômica e cultural da comunidade. No Repartimento do Limão, essa lógica se mantém viva, permitindo que a agricultura familiar continue sendo o principal meio de renda e o elemento que estrutura o modo de vida ribeirinho.

### **3.3 A mulher como transmissora dos conhecimentos ribeirinhos**

A participação feminina no contexto da agricultura familiar ribeirinha revela-se como um dos pilares centrais para a manutenção das práticas produtivas, para a continuidade dos saberes tradicionais e para a organização cotidiana das famílias. Em grande parte das comunidades amazônicas, a figura da matriarca ocupa posição de destaque, sendo não apenas responsável pela preparação dos alimentos consumidos em casa, mas também pela elaboração dos produtos derivados da mandioca, como a farinha, o beiju, a tapioca e o tucupi, que representam importantes fontes de renda e marcam profundamente a identidade culinária da

região. A figura 05 ilustra esse protagonismo, apresentando uma jovem envolvida no processo de fabricação da farinha, um dos itens mais simbólicos da economia ribeirinha.

Figura 05: Produção de farinha.



Fonte: Paloan Reis, (2025).

A presença feminina dentro do cultivo não se restringe à execução de tarefas complementares; pelo contrário, ela representa um corpo de saberes transmitidos entre gerações e que sustentam o modo de vida ribeirinho. Como observam Meneghetti e Souza (2015, p. 41), a agricultura familiar no Amazonas se caracteriza como uma categoria que preserva tradições, modos de manejo e técnicas de produção que garantem a autonomia alimentar e a própria sobrevivência das comunidades. Esses saberes, no contexto do Repartimento do Limão, são majoritariamente preservados pelas mulheres, responsáveis por manter vivas as técnicas associadas ao beneficiamento da mandioca.

A produção de farinha é, historicamente, uma atividade que demanda cooperação familiar, mas é conduzida principalmente pelas mulheres, que detêm o domínio sobre o ponto da massa, a torração e a textura final do produto. Esse padrão também aparece em estudos regionais sobre comunidades ribeirinhas do Amazonas, onde a elaboração da farinha é destacada como uma das atividades mais importantes da vida econômica e social das famílias (CASTRO et al., 2009, p. 283) .

Além disso, a mandioca, base alimentar das populações amazônicas, permite a produção de beiju, tapioca, tucupi e pé-de-moleque, ampliando a presença feminina nos processos que garantem tanto a subsistência quanto a geração de renda nas feiras locais. Esses saberes culinários, que fazem parte da identidade cultural amazônica, dependem diretamente das mulheres, que assumem a responsabilidade pela continuidade das tradições e pela transmissão dos conhecimentos às gerações mais jovens.

Segundo o Censo do IBGE (2017), “A manutenção e os saberes familiares favorecem, ainda, a continuidade de práticas agrícolas mais harmoniosas com o meio ambiente, legando à agricultura familiar um importante papel na preservação do meio ambiente”(IBGE 2017). Essa citação reforça que os conhecimentos passados dentro das famílias ribeirinhas funcionam como um patrimônio social e ecológico, preservado principalmente pelas mulheres, que articulam o uso sustentável dos recursos e o respeito ao ritmo das águas.

No Repartimento do Limão, observa-se que a divisão de tarefas é estruturada a partir de uma lógica tradicional: aos homens são atribuídas, sobretudo, as atividades mais pesadas, como a abertura das roças e a limpeza das áreas de plantio; às mulheres, cabe a continuidade do processo produtivo após o plantio, organizando colheita, preparo da mandioca e beneficiamento dos alimentos. Essa dinâmica foi identificada também por trabalhos sobre comunidades amazônicas, como o estudo de Segall et al. (1990, p. 3), que evidencia como meninas e mulheres assumem atividades desde cedo, aprendendo com as mães o manejo da casa e do cultivo, formando subsistemas de trabalho baseados no gênero .

A atuação feminina não se limita ao espaço doméstico, mas se estende ao campo, onde participa do plantio de espécies de ciclo curto, como milho, feijão, melancia e hortaliças, especialmente durante o período da vazante. Em estudos sobre várzeas amazônicas, verifica-se que mulheres e crianças participam ativamente do cultivo de plantas que garantem retorno a curto prazo, sendo responsáveis pelo cuidado diário das espécies medicinais e das hortas familiares (CASTRO et al., 2009, p. 279) .

No contexto do Repartimento do Limão, a participação feminina se torna ainda mais evidente quando analisamos o papel que desempenham na economia da farinha. Historicamente, a produção de farinha é um dos pilares da economia ribeirinha no Amazonas, e, como observado por Meneghetti e Souza (2015, p. 40), a mandioca é um produto cuja maior parte é destinada ao autoconsumo, sendo comercializado apenas o excedente, caracterizando um modelo de agricultura orientada à subsistência e manejada por saberes tradicionais .

A mulher, como guardiã desses saberes, é responsável por manter a qualidade do produto e garantir a continuidade da produção ao longo do ano. Sua função se estende ainda à

administração da comida que abastece a casa e ao controle do que será consumido ou vendido, fazendo dela protagonista no equilíbrio econômico e alimentar das famílias.

Dessa forma, o papel da mulher no cultivo vai muito além da atividade física: ela é articuladora, gestora, preservadora de técnicas tradicionais e responsável pela transmissão dos conhecimentos que mantêm o funcionamento da agricultura familiar. Sua atuação revela uma profunda relação com o território, com os ciclos naturais e com a memória cultural do Repartimento do Limão, destacando que a permanência das práticas agrícolas e culinárias amazônicas depende, em grande parte, do trabalho que elas realizam diariamente.

#### **4. Agricultura Familiar Na Relação Enchente E Vazante**

A agricultura familiar no Amazonas está intrinsecamente ligada à dinâmica natural dos rios, especialmente aos ciclos anuais de enchente e vazante, fenômenos que estruturam a vida social, econômica e territorial das populações ribeirinhas. Na Amazônia, a variação no nível das águas não constitui apenas um processo natural, mas um elemento regulador do tempo, do trabalho e das estratégias de sobrevivência das famílias. Como explica Berta Becker (2015, p. 92), “os ciclos hidrológicos amazônicos moldam o ritmo da vida humana, determinando práticas produtivas e padrões de ocupação típicos das populações ribeirinhas”. Dessa forma, compreender a agricultura ribeirinha implica compreender profundamente o regime das águas.

O regime hidrológico da Amazônia é caracterizado por dois grandes períodos: a enchente, que ocorre geralmente entre dezembro e maio, e a vazante, entre junho e novembro. Durante a enchente, o nível dos rios se eleva significativamente, inundando extensas áreas de várzea e alterando a acessibilidade, a mobilidade e o espaço disponível para as atividades produtivas. Como detalha Benchimol (2009, p. 147), “nas cheias, a água avança sobre casas, quintais e roçados, obrigando as famílias a reorganizarem completamente seu cotidiano”. É por esse motivo que as residências ribeirinhas são construídas sobre palafitas, possibilitando que a água atinja níveis elevados sem comprometer a moradia. A Figura 06 ilustra essa realidade, apresentando uma casa de madeira, isolada, cercada pela água e sustentada por uma base elevada. Essa construção elevada representa um mecanismo tradicional de adaptação às enchentes, garantindo proteção às pessoas, aos mantimentos e aos objetos essenciais.

Figura 06: Casa de palafita no período da enchente.



Foto: Paloan Reis, (2025).

Nessa fase, grande parte das atividades agrícolas é interrompida ou deslocada para áreas de terra firme. Conforme o IDAM (2021, p. 11), “as famílias ribeirinhas deslocam animais, ferramentas e itens de subsistência para áreas mais altas durante a enchente, reorganizando estrategicamente seu território para evitar prejuízos”. Assim, a enchente, embora traga desafios, também renova o solo e abastece os igarapés, contribuindo para a fertilização natural das várzeas.

Por outro lado, durante a vazante, geralmente entre junho e novembro, ocorre o recuo das águas e a exposição de solos extremamente férteis, ricos em matéria orgânica acumulada do período das cheias. Esse momento marca o auge da agricultura familiar nas várzeas. Kury (2013, p. 58), geógrafo especializado na geomorfologia da várzea amazônica, destaca que “a retração das águas revela terras de alta fertilidade, que sustentam culturas de ciclo curto fundamentais para a economia ribeirinha”. No Repartimento do Limão, a vazante é marcada pela intensificação do plantio de mandioca, melancia, milho, feijão, hortaliças e outras culturas adaptadas ao ritmo das águas.

Os agricultores conhecem detalhadamente o comportamento do rio e utilizam saberes tradicionais transmitidos por gerações para decidir o momento exato de plantar. Segundo Almeida (2018, p. 74), “o agricultor ribeirinho lê a paisagem hídrica como um calendário vivo, associando sinais do ambiente ao planejamento agrícola”. Esse conhecimento é fundamental para evitar perdas, já que atrasos no plantio podem resultar em culturas submersas caso a cheia retorne mais cedo do que o previsto.

A fertilidade natural do solo de várzea é uma das maiores vantagens da agricultura familiar nesse ambiente, reduzindo a necessidade de adubos artificiais e tornando a produção de baixo custo. Como indica o IBGE (2020, p. 34), “os solos de várzea amazônica possuem

altos níveis de nutrientes, favorecidos pela deposição de sedimentos durante as cheias”. Essa fertilidade explica o sucesso de cultivos como melancia, alimento que representa a principal fonte de renda do Repartimento do Limão Barreirinha.

Entretanto, os ciclos hidrológicos têm sido marcados por mudanças significativas nas últimas décadas. Eventos extremos, grandes secas e enchentes recordes, têm afetado profundamente a agricultura familiar e a vida ribeirinha. Maciel et al. (2024), descreve essa nova realidade:

“As enchentes e secas fazem parte do sistema hidrológico da Amazônia; esta região depende dos ciclos de cheia e vazante para manter certo equilíbrio, mas nas últimas décadas, eventos hidrológicos extremo afetaram a bacia amazônica causando danos sociais consideráveis às populações ribeirinhas, ocasionando dificuldades no transporte e navegação, escassez de alimento e água.” (Maciel; et al., 2024)

Essa mudança climática impacta diretamente cultivos essenciais ao povo ribeirinho. Como aponta Almeida (2018, p. 82), “a irregularidade recente das águas desestabiliza calendários agrícolas tradicionais, afetando culturas como mandioca, milho, feijão e hortaliças, essenciais à base alimentar e à renda das famílias”. Em anos de seca extrema, quando a vazante se prolonga além do esperado, o transporte é comprometido devido ao assoreamento dos canais. Em anos de enchente extrema, quando as águas sobem antes do tempo ideal, plantações inteiras se perdem.

A agricultura familiar amazônica depende, portanto, de um equilíbrio fino entre enchente e vazante. Essa dependência ecoa o que Bessa (2014, p. 23) descreve como “uma relação de convivência e adaptação constante com as águas, que determina desde a construção das casas até a escolha dos cultivos e o planejamento da colheita”. A cada ano, as famílias reorganizam seus calendários produtivos com base na observação da natureza, reforçando a estreita relação entre território, rio e agricultura.

A dinâmica entre enchente e vazante demonstra, portanto, uma profunda relação ecológica entre a agricultura familiar e o meio ambiente amazônico. Como sintetiza Ioris (2017, p. 51), “não há agricultura ribeirinha sem rio, e não há rio sem o tempo de suas águas”. Os agricultores moldam suas práticas conforme os ritmos da natureza, demonstrando um sistema produtivo sustentável, historicamente adaptado e culturalmente enraizado.

Assim, a agricultura familiar no Amazonas não é apenas uma forma prática de produzir alimentos, mas uma expressão viva de adaptação ecológica, saber tradicional e convivência harmoniosa com o ciclo das águas. Qualquer alteração nesse sistema, seja por eventos

climáticos extremos ou por interferências externas, afeta diretamente o cotidiano, a economia e a própria sobrevivência das populações ribeirinhas que dependem dessa dinâmica para viver.

## 5. Resultados e discussões

Foi aplicado um formulário aos moradores locais como parte essencial do desenvolvimento da pesquisa, conforme apresentado abaixo. A partir das respostas coletadas, foi possível estruturar os tópicos que fundamentaram os objetivos gerais e específicos do trabalho, além de contribuir para a construção do embasamento teórico. Esse instrumento também serviu como base para a elaboração de um roteiro de diálogo, direcionando as entrevistas e garantindo maior profundidade nas análises. O foco principal foi compreender e analisar as experiências de vida dos agricultores locais, permitindo identificar suas práticas, desafios e percepções sobre a agricultura familiar na região.

Formulário:
Quanto tempo já cultiva?
Quantas pessoas da família participam no cultivo e colheita ?
Qual a principal atividade produtiva da família?
A produção é afetada pelos ciclos de enchente e vazante? Explique?
O seu objetivo principal é a venda do seu cultivo?
Quais os problemas que você encontra ao trabalhar com a agricultura?
O conhecimento sobre o cultivo vem de?
Os jovens da comunidade demonstram interesse em continuar trabalhando com agricultura familiar?

Fonte: Paloan Reis, 2025.

Os dados também revelam que a agricultura no Repartimento se desenvolve principalmente em torno de cultivos de ciclo curto, como mandioca, melancia, milho e hortaliças, em consonância com o período da vazante, quando o solo fértil emerge. A fala dos agricultores confirma essa dependência do regime hidrológico: “a plantação tem que ser sempre com antecedência das cheias, se não a colheita pode ser perdida”, destacando o risco constante enfrentado pelas famílias. Essa percepção dialoga com Maciel et al. (2024), para quem as enchentes e secas extremas vêm afetando diretamente os calendários produtivos ribeirinhos, causando perdas e instabilidade socioeconômica.

A análise das respostas aponta que a produção é fortemente afetada pelas cheias e pelas secas severas. As famílias afirmam que, durante a enchente, “não tem como trabalhar na roça”, e durante a seca intensa há dificuldade na irrigação e transporte, o que corrobora estudos recentes do IDAM (2021) sobre os impactos do regime hidrológico nas atividades agrícolas. Isso reforça que a agricultura familiar no Amazonas é um sistema ambientalmente condicionado, cuja vulnerabilidade aumenta diante das mudanças climáticas.

No aspecto econômico, percebe-se que a produção tem dupla finalidade: parte é destinada à venda, especialmente a melancia e ocasionalmente a farinha, enquanto outra parte é reservada ao autoconsumo, garantindo a segurança alimentar da família. Em vários depoimentos aparece a queixa sobre a “desvalorização do trabalho” e oferta de preços baixos, revelando a fragilidade dos agricultores diante dos atravessadores e a ausência de políticas públicas voltadas à comercialização justa, aspecto recorrente na literatura sobre comunidades rurais amazônicas.

A divisão familiar do trabalho, discutida anteriormente, também aparece com força nos resultados: famílias com cinco participantes no cultivo demonstram maior capacidade produtiva, enquanto agricultores que trabalham sozinhos relatam maior desgaste e limitações. Os desafios citados, trabalho pesado, falta de auxílio, imprevisão das águas e baixa valorização econômica, revelam um cenário de esforço contínuo e pouca assistência estrutural.

Por fim, um dos elementos mais sensíveis identificados nos resultados é o desinteresse dos jovens pela agricultura familiar. Todos os entrevistados afirmam que os mais novos não desejam permanecer no cultivo, preferindo migrar para a cidade em busca de outras oportunidades. Esse dado expressa uma ruptura geracional que ameaça a continuidade dos saberes tradicionais e da permanência das famílias no território, refletindo fenômeno apontado em estudos regionais sobre a juventude rural amazônica.

Em síntese, os resultados evidenciam um sistema produtivo marcado por tradição, esforço familiar e forte dependência dos ciclos das águas, mas também vulnerável à desvalorização econômica, à insegurança ambiental e ao êxodo da juventude. Esses elementos reforçam a importância de políticas estruturantes que fortaleçam a agricultura de várzea e promovam condições dignas de permanência para as famílias do Repartimento do Limão Barreirinha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu compreender a importância da agricultura familiar como principal elemento estruturador da vida econômica, social e cultural no Repartimento do Limão, no município de Barreirinha. As práticas produtivas desenvolvidas pelas famílias revelam um sistema profundamente conectado aos ciclos naturais da várzea, demonstrando que a relação entre enchente e vazante é determinante para o planejamento agrícola, para a organização do trabalho e para a sobrevivência das comunidades ribeirinhas.

As observações, entrevistas e respostas obtidas por meio do formulário evidenciaram que a agricultura familiar permanece como eixo central da renda e da segurança alimentar local, mesmo diante de desafios crescentes, como a imprevisibilidade climática, a desvalorização econômica da produção e a falta de apoio público estruturado. Essa realidade mostra que o sucesso do cultivo depende não apenas da fertilidade natural das várzeas, mas também do conhecimento tradicional transmitido entre gerações, fortalecido pela experiência acumulada e pela convivência cotidiana com o ambiente.

Outro aspecto relevante identificado foi o papel fundamental da mulher no ciclo produtivo. Sua atuação no beneficiamento da mandioca, na produção de farinha e na manutenção das práticas culinárias e culturais reafirma sua importância na sustentação da economia ribeirinha. Ao mesmo tempo, a participação masculina na abertura das áreas de cultivo e o apoio dos filhos em atividades específicas demonstram uma divisão de trabalho que reflete o modo tradicional de organização familiar na região.

A saída dos jovens da comunidade para centros urbanos, entretanto, sinaliza um alerta para o futuro da agricultura familiar no Repartimento. O desinteresse das novas gerações pela continuidade do trabalho agrícola aponta para uma possível ruptura na transmissão dos saberes tradicionais, representando um risco para a permanência das famílias no território.

Assim, conclui-se que a agricultura familiar no Repartimento do Limão em Barreirinha é mais do que uma atividade econômica: é um modo de vida profundamente enraizado na cultura ribeirinha e diretamente dependente dos ciclos naturais da Amazônia. Sua continuidade exige valorização social, reconhecimento institucional e políticas que apoiem a produção local, fortaleçam as famílias e deem condições dignas para que permaneçam no território. A permanência dessas práticas é fundamental para a preservação da identidade, do conhecimento tradicional e da segurança alimentar das futuras gerações.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Saberes tradicionais e manejo na Amazônia ribeirinha**. Manaus: UEA Edições, 2018.

BECKER, Berta K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

BESSA, Pedro de Alcântara. **Territórios ribeirinhos e dinâmicas das águas na Amazônia Central**. Manaus: EDUA, 2014.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação histórico-social**. Manaus: Valer, 2009.

CASTRO, Edna et al. **Sistemas de produção e vida ribeirinha na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017: Familiar no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais da Amazônia Legal**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.

IBGE. **A produção agrícola nas áreas de várzea da Amazônia**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020.

IBGE. **Estabelecimentos familiares e características socioeconômicas no Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022.

IBGE. **Perfil do produtor rural familiar no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023.

IDAM. **Boletim Técnico sobre Agricultura Familiar Ribeirinha no Amazonas**. Manaus: Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas, 2020.

IDAM. **Relatório de Atividades de Produção Agrícola em Áreas de Várzea – Amazonas**. Manaus: Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas, 2021.

IORIS, Antonio. **A água e os sistemas socioambientais da Amazônia**. São Paulo: Annablume, 2017.

KURY, Marcos Adalberto. **Geomorfologia e dinâmica das várzeas amazônicas**. Belém: UFPA, 2013.

MACIEL, A. et al. **Eventos extremos e vulnerabilidade ribeirinha na bacia amazônica**. Manaus: UFAM, 2024.

MENEGHETTI, L.; SOUZA, C. **A agricultura familiar e a circulação de renda nas comunidades amazônicas**. In: Revista de Estudos Rurais, v. 4, n. 2, 2015.

SEGALL, M. et al. **Trabalho e família na agricultura ribeirinha da Amazônia**. Brasília: EMBRAPA, 1990.